

“Eina”, tanta festa ao mesmo tempo



Por: António Pedro Costa

Já tratei deste assunto nesta coluna sobre os festivais de música que acontecem neste período do ano em muitos recantos dos Açores, levando os jovens aos magotes de ilha em ilha, ávidos para participarem nas festas mais envolventes e aguardadas pela juventude açoriana.

Tendo em vista assegurar o seu sucesso a importação de artistas de fora das ilhas, com nomes sonantes quanto basta, e quanto mais classificados estiverem no “top ten nacional”, mais importância emprestam ao evento e mais jovens arrebanham, fazendo com que o frenesim musical reine até às tantas.

O que me incomoda nestas iniciativas é a sobreposição de festas nos arredores mais próximos, cada um a fazer a sua festa, sem olhar para a rua ao lado e toca a programar os festins sem articular com os vizinhos. Acho que deveria haver uma preocupação em se planejar as festividades, de modo a acabarem na precisa altura em que noutra zona da ilha iniciaria as suas.

Promovem-se festivais em tudo o que é vila ou cidade e mesmo em algumas das nossas pequenas e pacatas freguesias montam-se os palcos para a cantoria, com mais ou menos profissionalismo na sua organização, todos eles com sucesso garantido, pois a receita é fácil: música altíssima e uma tasquinha, porque quanto mais barulho mais êxito tem a festa.

Nestes meses de Julho, Agosto e Setembro, somos confrontados com a apologia da sociedade do divertimento nestas ilhas de bruma e de verde esufiante. Dá-se música, muita música e outras manifestações pseudo-culturais, com laivos de sustentabilidade ambiental pelo meio e o povo lá se vai divertindo noite dentro.

Não tenho a mínima dúvida que as festas são muito importantes porque estas sempre foram e serão necessárias para a vida de cada um de nós. No entanto, festas e mais festas parece um pouco exagerado, para não dizer desnecessário, mesmo que o povo adira e goste de festanças para conviver e esquecer as agruras do dia a dia.

Impressiona constatar como é possível, mesmo nas mais pobres localidades, se mandam vir várias bandas, para animar a festa. Noutros tempos, o povo também se divertia à sua maneira e não se era menos feliz por isso. No entanto, nos tempos que correm a avidez de estar em todo o sítio é tão grande que os mais novos nem tempo têm para dormir, porque só pensam é na folia, como diz a letra da música de Gilberto Bernardo.

Sou dos que estão ao lado das festas, porque elas em si são boas, apenas questiono muitas festas ao mesmo tempo, até porque, temos de convir elas são também uma forma de animação turística, porque são inúmeros os forasteiros que também assistem entusiasmados aos concertos que aqui se realizam e que também eles não arredem pé até aos aplausos finais.

O certo é que estamos a ser massificados pelo turismo, pelo que se devem articular os festivais, para que constituam uma mais-valia para a animação turística, dado que viajar para os Açores é agora muito mais fácil e barato.

Assim, também se poderá enriquecer e vender este destino turístico com mais esta vertente de animação, garantindo cartazes apelativos, em que os turistas possam conciliar os momentos de diversão, como é apanágio de um festival, com o turismo de aventura na descoberta das belezas naturais das nossas ilhas, necessitando, no entanto, estes eventos de serem devidamente divulgados e promovidos, de forma concertada não apenas pelas organizações, como também pelos serviços oficiais de promoção turística.

Por tudo isto, há que haver peso, conta e medida, na promoção de festivais para que não se descuide de dar prioridade à dinamização em investimentos produtivos e a avaliação da importância de uma festa não deveria ser feita pelo ruído mais alto, mesmo que os organizadores considerem que há um retorno económico muito expressivo com os festivais, coisa que nunca vi ainda confirmada pelas estatísticas.

Cabo entrou num dos motores de propulsão do Mega Jet e atrasou em sete horas a saída do navio do porto Ponta Delgada

Carlos Faias, Presidente da Atlânticoline, anunciou que, durante o período da avaria, foram servidas refeições a bordo



Navio no cais das Portas do Mar num momento em que a avaria já estava reparada

O Presidente da Atlânticoline, Carlos Faias, explicou ao fim da tarde de ontem ao Correio dos Açores que a avaria no navio de passageiros ‘Mega jet’ no cais das Portas do Mar, em Ponta Delgada, ocorreu pelas 11h15 de ontem quando, na passagem de um dos cabos de amarração do cais para o navio, não houve a rapidez suficiente para impedir que entrasse no sistema de propulsão, levando a que o motor parasse automaticamente.

Por cerca das 12h45 uma equipa de mergulhadores, contratada pela Atlânticoline, iniciou com o cuidado devido, uma operação muito lenta de retirar pedaços do cabo do motor de propulsão onde foi triturado por turbinas momentos antes de o motor parar.

Esta equipa de mergulhadores terminou os trabalhos por cerca das 18h00 de ontem, altura em que se verificou que o motor estava em condições e, após a devida inspeção da autoridade marítima, o Mega Jet deixou o porto de Ponta Delgada, com sete horas de atraso, reiniciando a viagem entre Santa Maria e a Horta com escalas também na Terceira, Graciosa, São Jorge e Pico.

Este atraso de cerca de sete horas na viagem, motivado pela avaria provocada pelo cabo, afectou 930 passageiros, 430 dos quais tinham embarcado em Ponta Delgada.

Entretanto, devido a este atraso, o barco ‘Gilberto Mariano’ embarcou em São Jorge 150 passageiros, transportando-os para o Pico tendo o Faial como destino final.

Durante a reparação da avaria no motor do Mega Jet no cais das Portas do Mar, em Ponta Delgada, foram servidas refeições a bordo a todos os passageiros que as desejassem e foi sempre dada a possibilidade ao passageiro de deixar o navio, recebendo o valor da passagem de volta. Mas, foram em número muito reduzido os passageiros que desistiram. Alguns ficaram pelo cais e quando receberam a informação de que o barco iria seguir viagem, regressaram a bordo.

Entretanto, o barco ‘Mestre Jaime Feijó’, que vem substituir o ‘Mestre Simão’, que naufragou ao largo da Madalena do Pico, já está a navegar para a Horta onde deverá chegar esta semana, provavelmente, na Quarta ou Quinta-feira.

J.P.



Carlos Faias veio explicar à equipa de reportagem do Correio dos Açores o que se tinha passado